

Internacional

SEMANA BRASIL 2000
BRASIL-FRANÇA

Intercâmbio científico e cooperação franco-brasileira *

ROGER-GÉRARD SCHWARTZENBERG

Bem vindo ao Ministério da Pesquisa, bem vindo ao Centro de Ciências. Estou feliz em recebê-los aqui, especialmente nossos numerosos hóspedes vindos do Brasil, para esta “Semaine Brésil 2000”.

Dentro do quadro de numerosas demonstrações organizadas na França para marcar os 500 anos do Brasil, contei mais de 60, e esta me parece especialmente útil, já que visa efetuar o balanço de nossas trocas científicas e de nossa cooperação – enfatizo que o Brasil já é o principal parceiro internacional deste Ministério – e prever os meios e as modalidades para perpetuá-los e fortalecê-los ainda mais.

Com muita lógica, os organizadores, aos quais eu saúdo e agradeço, propõem a abertura de vossos trabalhos por uma reflexão sobre a situação atual, sob a forma de uma primeira interrogação: “qual Brasil, dentro de qual mundo?”

Esta questão, ambiciosa mas necessária, poderá ser esclarecida, pela sabedoria e experiência de campo, daqueles que me sucederão em um instante, melhor do que eu mesmo saberia fazer. Mas, permitam que o Ministro Francês e *Europeu* da Pesquisa, sem a evitar, proponha uma outra que a prolongue: por que essa pergunta, aqui, na França e na Europa, à aurora do terceiro milênio?

Claro, uma primeira resposta vem rapidamente ao espírito. Aquela de convivências muito antigas, de cumplicidades intelectuais e culturais seculares fortemente estreitadas entre as duas nações.

Mas, uma outra, em forma de interrogação, me parece ainda mais pertinente, porque ela toca ao futuro: a “*Qual Brasil, em qual mundo?*”, não faria eco “*Qual França, em qual mundo?*” Não se colocam nossos dois países, ao final deste século, no mesmo momento, as mesmas questões sobre

* Discurso proferido pelo Ministro da Pesquisa da França, Roger-Gérard Schwartzberg, na sessão de abertura da Semana Brasil 2000. Paris, 16 de outubro de 2000.

o porvir de suas identidades respectivas e sobre seus valores comuns, em hora de globalização e de reagrupamentos regionais, Mercosul para um, União Européia para o outro?

O reforço de nossas permutas científicas, as novas vias que devem ser exploradas, se justificam, hoje, tanto pelas preocupações comuns e pela urgência em respondê-los juntos, do que por uma herança exemplar e uma cumplicidade solidamente estabelecida.

Certo, ao longo de vossos trabalhos, vocês não poderiam-vos apoiar demasiado nessa cumplicidade feita de fascinação recíproca que caracteriza, desde sempre e em todas as áreas do pensamento e da criação, as relações entre nossos países. Ela é verdadeira em nossas elites, claro, mas também, em nossas respectivas imaginações coletivas: se Sua Excelência Marcos de Azambuja pôde avançar que “a França tem sido durante muito tempo o sonho de civilização dos brasileiros”, eu não teria dificuldade em convencê-los que o Brasil continua para os franceses, mais do que qualquer outra parte do Mundo Novo, esta “Terra de Brasas” que, há mais de cinco séculos, colore seus sonhos e inflama sua imaginação.

O assunto é demasiado conhecido para que eu insista mais longamente.

Que me seja suficiente lembrar-vos a antigüidade de nossos contatos, citando um curto extrato de “*Tristes Tropiques*” de Claude Lévi-Strauss: “Pondo pela primeira vez os pés sobre a terra do Brasil, não pude me conter em evocar todos esses incidentes burlescos e trágicos que atestavam, há 400 anos, a intimidade reinante entre os franceses e índios (...) com qual constante freqüência não havia sido requisitada para que, em 1531, a fragata *La Pèlerine* pudesse trazer de volta à França, junto com três mil peles de leopardo, trezentos macacos e macacas, seiscentos periquitos... já conhecendo algumas palavras do francês...”

Ao fio dos séculos, o Brasil e a França enriqueceram-se mutuamente de um convívio bem específico, como se cada um virasse seu espelho um para o outro, para melhor entender sua própria personalidade.

É vosso presidente, Sua Excelência Fernando Henrique Cardoso que recentemente afirmou: “Parece-me revelador que a primeira leitura refinada sobre o Brasil veio de fora e foi escrita por um francês. Poucas culturas nutriram tanto o Brasil quanto a cultura francesa. De acordo com a leitura sugestiva de Jean de Léry sobre o ritual guerreiro dos Tupinambás, a França trouxe uma contribuição verdadeiramente intensa à formação da imagem que a sociedade brasileira fez de si mesma ao longo de sua história.”

Na verdade, eu tenho a dificuldade de escolha para evocar a fascinação brasileira que, desde Léry e Thévet até nossos dias, passando por Montaigne e Diderot, os Românticos, Blaise Cendrars, Paul Claudel, George Bernanos, Darius Milhaus, Paul Landowski, Le Corbusier e, claro, depois de 1934, os mestres da prestigiosa Universidade de São Paulo (Bastide, Braudel, Grangé, Lévi-Strauss...), atuam sobre o pensamento, a criação e a pesquisa francesa.

Uma fascinação que veio nutrir uma identidade original e forte nos dois casos. O Brasil e a França têm em comum a capacidade de enriquecer-se de várias contribuições demográficas e culturais, de múltiplas influências sem, até agora, nem sofrê-las, nem copiá-las; mas, ao contrário, revelando-se, tanto um como outro, capazes de assimilá-los e de, como diz vigorosamente o escritor brasileiro Serge Elmalan, “canibalizar” para fazer novas facetas de personalidades ricas de suas complexidades e de suas contradições, uma e outra, sempre imprevisíveis, “jamais isto ou aquilo, mas sobretudo isto ou aquilo” para parafrasear Zuenir Ventura.

Ora, esse traço comum a nossas identidades, esta capacidade de produzir valores próprios, irreduzíveis a um modelo estrangeiro, e compartilhá-los através do corpo social da nação, não são eles hoje em dia, em cada costa do Atlântico, postos e repostos em questão?

De uma parte, pela globalização e seus instrumentos dos quais se sabe bem que aqueles que os conceberam e que, largamente até o presente, os controlam, não fazem parte da esfera cultural que nós dividimos.

Por outro lado, pelas necessárias concessões que cada uma de nossas nações deve consentir para concorrer à indispensável edificação de nossos respectivos espaços regionais.

Como, em vez de se submeter à globalização, antecipar seus efeitos, ser os atores, pesar sobre suas orientações, dominar o processo?

Como ter sucesso nas integrações regionais sem dar a nossos cidadãos, já preocupados com as conseqüências da globalização, o sentimento que eles vão perder os referenciais de identidade que lhes são familiares, ou seja, aqueles que lhes são fornecidos por nossos Estados-Nações?

Como convencer nossos compatriotas que as escolhas de sociedade, as respostas às grandes questões do futuro, em particular aquelas relacionadas à pesquisa científica, não escaparão, dentro deste contexto, ao seu controle democrático?

Aqui estão, parece-me, as tantas interrogações que atravessam, além de nossas diferenças, nossas duas sociedades.

Como evitar que estas questões, e sobretudo as respostas, cada qual por si rapidamente formuladas, não separem as ligações privilegiadas formadas entre nossos países e, em particular, entre seus pesquisadores?

Como, ao contrário, tirando partido de nossa longa e fraterna convivência, fazer juntos face a essas interrogações sobre nossas identidades, sobre o lugar da ciência em nossas sociedades, sobre o lugar de nossa pesquisa e de nossos pesquisadores na competição mundial?

Multiplicar as iniciativas como esta que nos reúne esta manhã ou aquela que, por exemplo, deve nos reunir em Porto Alegre, na próxima primavera, sobre o tema de inovação tecnológica;

Prolongá-las, para concretizar as recomendações, por missões de alto nível, como aquela que deverá conduzir o diretor de pesquisa, Sr. Vincent Courtillot, e o diretor de tecnologia, Sr. Alain Costes, que irá ao Brasil, no começo do mês que vem;

Apoiar-se sobre as sólidas estruturas bilaterais das quais dispomos, como o acordo CAPES-COFECUB, cujo vigésimo aniversário foi recentemente festejado, ou aquelas que unem os organismos franceses de pesquisa – sublinho-vos que todas estão, desde já, disponíveis a seus homólogos brasileiros;

Encorajar a mobilidade de nossos pesquisadores;

Construir juntos novos projetos sobre a forma, por exemplo, de laboratórios conjuntos. Os talentos e os assuntos tanto em ciências humanas e sociais como em ciências exatas (espaço, nano-tecnologia, sociedade da informação, matemática, ciências da vida, pesquisas amazônicas, etc) não faltam – e vontade política, também não. Vejam o que dever-nos-ia permitir de melhor fazer repercutir, o que nos deve permitir de melhor fazer entender, a nossas opiniões nacionais, que o diálogo científico não pertence a ninguém, que todas as partes do mundo, assim como todos os homens que o povoam podem e devem contribuir para que a América Latina e a Europa, o Brasil e a França ainda tenham muito a se dizer sobre o assunto.

Esta semana, tenho certeza, o demonstrará.

O Autor

ROGER-GÉRARD SCHWARTZENBERG. Ministro da Pesquisa da França, é formado pelo Instituto de Estudos Políticos de Paris, tem doutorado em Direito e foi professor do Instituto de Estudos Políticos de Paris. Foi Deputado pelo Parlamento Europeu e Presidente do Grupo RCV (Radical, Citoyen et Vert) da Assembléia Nacional (1999).